



**‘MUSEU DE PORTAS ABERTAS’: AÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI PARA POPULARIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CIENTÍFICO**

Emilly Cristine Barbosa Santos*

***Universidade Federal do Pará**

Ana Claudia dos Santos da Silva**

****Museu Paraense Emílio Goeldi**

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada entre o período de 2015-2016 no âmbito do curso de especialização em Planejamento e Gestão do Patrimônio Cultural, com o objetivo de analisar o programa de ação educativa "Museu de Portas Abertas" do Museu Paraense Emílio Goeldi, localizado em Belém. O programa, sob coordenação do Serviço de Educação e Extensão Cultural, envolve diferentes setores da instituição, desde a Coordenação de Comunicação e Extensão até a Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação, tornando-se um dos principais eventos do Museu, que ocorre em 4 dias durante a comemoração do aniversário da instituição. A ação consiste em promover o acesso da comunidade às produções científicas e ao acervo museológico do Museu Goeldi, de modo a engendrar a aproximação do público, principalmente das instituições escolares, com o patrimônio amazônico. Em vista disto o texto busca abordar o desenvolvimento desta ação que tornou-se ao longo do tempo um programa-chave deste Museu para o processo de popularização da ciência. Nesse sentido, o texto discute a participação do público, de modo a refletir sobre as dinâmicas das atividades desenvolvidas durante o evento, tendo como mote a relação entre museu de ciência e patrimônio.

Palavras-chave: Ciência; Patrimônio; Educação.

Abstract: This article is the result of a research carried out from 2015 to 2016 in the scope of the specialization course in Planning and Management of Cultural Heritage, with the aim of analyzing the educational action program "Museu de Portas Abertas" of the Paraense Museum Emílio Goeldi, located in Belém. The program, coordinated by the Education and Cultural Extension Service, involves different sectors of the institution, from Communication and Extension Coordination to Research and Postgraduate Coordination, becoming one of the main events, which takes place in 4 days during the commemoration of the institution's anniversary. The action consists in promoting the community's access to the scientific productions and museum collection of the Goeldi Museum, in order to engender the approximation of the public, mainly of the school institutions, with the Amazonian heritage. On the strength of it, the text seeks to address the development of this action that has become over time a key program of this Museum for the process of popularization of science. In this sense, the text discusses the participation of the public, in order to reflect on the dynamics of the activities developed during the event, having as motto the relation between science museum and heritage.

Keywords: Science; Heritage; Education.

Ação educativa do Museu Paraense Emílio Goeldi: O desenvolvimento do Museu de Portas Abertas

Os museus de ciência, assim como os espaços museológicos de forma geral, são lugares de intercâmbios, encontros e socialização de identidades no contexto da interculturalidade. Torna-se essencial refletir, como aponta Varine-Bohan (2008), sobre qual o lugar que a sociedade ocupa nos museus. Atualmente, as instituições museológicas estão buscando desmitificar a visão anacrônica que foi atribuída a elas ao longo da história, cuja imagem corresponde basicamente a um templo de guarda e de exposição de objetos intocáveis e preciosos, cujos sentidos e significados são intrínsecos a eles. A partir do século XX foram suscitadas várias mudanças nos discursos e práticas das instituições museológicas.

O foco dos museus não está mais centrado nos objetos e nas coleções, mas, sim nas relações entre os grupos sociais e o patrimônio, tornando-se um fórum de interpretações, debates e negociações. Tal fato implica uma mudança na relação entre museu e coleção, bem como museu e público. Varine-Bohan (2008) lembra que as três maiores categorias de museus – arte, história e ciência – estão buscando nos últimos 20 anos desenvolver dinâmicas de mediação em consonância com as culturas locais, com intuito de servir aos grupos sociais que não compõem habitualmente o público visitante dessas instituições.

Os museus de ciência têm importante papel como espaços não-formais de debate sobre a ciência, voltados para a valorização da importância da função desta área do conhecimento para a sociedade. Essas instituições devem proporcionar experiências a partir da qual o público compreenda o processo de construção do conhecimento científico, de modo a perceber a implicação da ciência no cotidiano.

Marandino (2000) ao discutir o papel educacional dos museus de ciência na relação museu-escola, cita o trabalho de Cazelli para evidenciar a relevância desta tipologia de museu para a inovação na área museológica no século XX, marcada pelo caráter público. Os museus de ciência e tecnologia e os de história natural foram fundamentais para a transformação da



3º sebra MUS

relação entre museu e público, a partir dos quais foi promovida uma participação mais direta dos visitantes por meio de ações educativas.

A maioria das tipologias de museu está buscando formas de mediação que propicie aos públicos a criação de novos significados, interpretações e compartilhamento do patrimônio. Nessa linha está o programa institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), denominado Museu de Portas Abertas (MPA). Esta ação, promovida pelo Serviço de Educação e Extensão Cultural (SEC) do referido Museu, é realizada anualmente no mês de outubro, fazendo parte de uma extensa programação de celebração do aniversário desta instituição. As atividades deste programa ocorrem em dois espaços físicos em períodos diferentes – são realizados dois dias de evento no Parque Zoobotânico, e posteriormente são realizado mais dois dias no Campus de Pesquisa.

A Coordenação de Museologia (CMU) desta instituição tem como principal função a socialização e difusão do conhecimento científico por meio de realização de ações educativas, expositivas e programas de capacitação, abrangendo o Núcleo de Museografia e o Serviço de Educação e extensão Cultural. Este último foi institucionalizado na década de 1980, tendo como função desenvolver várias ações educativas conjuntamente com os projetos interdisciplinares do Museu que contemplam estudos sobre biodiversidade e sociodiversidade amazônica a partir das ciências naturais e humanas. As ações educativas se desdobram em vários formatos de comunicação pública do conhecimento científico para atender diversos públicos – escolar, comunitário, idoso, turista, pesquisador, visitante local, entre outros.

A partir dessas diferentes demandas o SEC desenvolve atividades como – cursos para melhor idade, visitas orientadas para escolas, programa de encontros em família, disponibiliza coleção didática da fauna, da flora e de objetos da cultura amazônica, dentre outros ações e projetos. As metodologias de ações educativas deste setor incluem teatro, vivências, visitas monitoradas, encontros, festivais, gincanas e rodas de conversas, cujo intuito é estimular a memória, socialização e valorização do patrimônio.



3º sebra MUS

Dentro deste contexto o Museu de Portas Abertas iniciou em 1985 como parte do projeto “Museu Leva Educação e Ciência à Comunidade”, quando foi instalado o Campus de Pesquisa do Museu Goeldi no bairro da Terra Firme. O então diretor, Guilherme de La Penha, percebeu a necessidade de realizar ações para aproximar o Museu da comunidade do entorno. Dentre essas ações era realizada a visitação de grupos de crianças do bairro da Terra Firme ao Campus de Pesquisa e posteriormente ao Parque Zoobotânico. A proposta da visita às instalações do Museu Goeldi como ação educativa foi uma iniciativa da própria comunidade que queria conhecer a realidade intramuros da instituição.

As primeiras coordenações a participar da ação foram a de Zoologia e Botânica, seguida pela coordenação de Ciências da Terra e Ecologia, abrangendo, assim, o Parque Zoobotânico, então local de instalação desta última. Em 1986 a Biblioteca do Campus de Pesquisa também integrou o percurso de visitação da comunidade da Terra Firme ao MPEG. Esta atividade educativa possibilitou o acesso da comunidade no espaço museológico exclusivo de curadores e pesquisadores – os laboratórios e salas de pesquisa, bem como reservas técnicas.

Ao longo da trajetória percebem-se as diversas transformações do formato deste programa, principalmente em relação ao público, posto que as atividades realizadas durante o MPA estão voltadas para o público jovem do ensino médio e graduação. Ressalta-se que o Museu de Portas Abertas não está mais vinculado ao projeto “Museu Leva Educação e Ciência à Comunidade”. Ele se institucionalizou como um programa do Museu Goeldi que abrange as duas principais coordenações da instituição – a de Comunicação e Extensão e a de Pesquisa e Pós-graduação – fortalecendo a integração entre elas. Desse modo, o MPA envolve todos os departamentos da instituição – coordenações de pesquisa (Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, Zoologia e Botânica), bem como as coordenações de Museologia, Comunicação e de Gestão. Além disso, o Museu de Portas Abertas tem apoio de parceiros do bairro da Terra Firme, como moradores vinculados ao Ponto de Memória da Terra Firme, instituições escolares e centros comunitários.



3º sebra MUS

A partir de 2009 o programa passou a integrar a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, coordenada pelo MCTI por meio do Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia, o qual tem apoio de várias instituições de pesquisas e ensino. Esta Semana Nacional de C&T, que ocorre todo mês de outubro, fomenta eventos em várias partes do Brasil com o objetivo de aproximar a Ciência e Tecnologia da sociedade, realizando atividades de divulgação científica com base em metodologias que possibilitem tornar a linguagem científica acessível à população. O projeto do atual MCTI visa motivar discussões sobre as implicações sociais da ciência, bem como o interesse do público sobre a ciência. O MPA, fazendo parte da agenda deste evento nacional, busca promover uma relação entre ciência, tecnologia e sociedade em consonância com a política nacional, cujo mote está no caráter educacional do campo científico.

A ação educativa do Museu de Portas Abertas busca aproximar a comunidade às pesquisas realizadas na instituição, de modo a motivar a população para temas do meio científico. A programação está voltada para promover o contato direto entre visitantes e pesquisadores. A partir desse processo, o MPA leva a cabo a principal missão da Coordenação de Museologia – disseminação das pesquisas produzidas no Museu Goeldi.

Os diferentes formatos das atividades desenvolvidas pelos pesquisadores e bolsista de cada coordenação são percebidos devido, principalmente, à estrutura dos dois espaços físicos: no PZB as coordenações apresentam-se em stands que ficam distribuídos pelo Espaço Raízes¹; no Campus de Pesquisa as visitas são realizadas nas instalações de cada coordenação, abrangendo laboratórios, reservas técnicas e salas de pesquisa.

¹ O Espaço Raízes é uma área localizada no centro do Parque Zoobotânico, na qual são realizados a maioria dos eventos que atingem o grande público que visita este Museu. Durante o MPA são expostos objetos das coleções didáticas de cada coordenação de pesquisa, com os quais os pesquisadores, técnicos e bolsistas apresentam seus trabalhos.



**3°
sebra
MUS**

Imagem 1: Laboratório no Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Fonte: 1: Emily Santos.

Enfatiza-se que o planejamento e realização das atividades ficam a cargo dos pesquisadores e seus bolsistas que são denominados pelo SEC como pesquisadores/educadores. Pode-se perceber que estes agentes assumem na ação educativa do MPA o papel de mediadores culturais. Isso tem contribuído para fomentar o papel social do MPEG, promovendo o encontro de diversos olhares e vozes. Esses mediadores compõem uma comunidade em aprendizagem, que compartilha experiências profissionais a partir de um processo comunicacional.



Imagem 2: Espaço Raízes do Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Fonte 2: Fonte: Acervo pessoal Helena Quadros, 2014.

Os pesquisadores e bolsistas são educadores, pois sua função não se restringe somente a transmitir informação, mas sim, busca comunicar o público sobre o conhecimento científico desenvolvido pela instituição, de modo a possibilitar a construção de novos conhecimentos e significados sobre o patrimônio. Percebe-se que os entrevistados buscam valorizar as relações sociais, as quais propiciam trocas de conhecimentos. Por meio de um processo dialógico o pesquisador/educador tem a possibilidade de conhecer novas abordagens, rompendo fronteiras do próprio campo científico.

Para a realização do evento há uma mobilização que inicia com uma reunião da coordenação do evento para apresentar a proposta à Coordenação de Museologia e à Coordenação de Comunicação e Extensão. Posteriormente, a CCE convoca a Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação, esta, por sua vez, fica incumbida de transmitir a convocatória às coordenações de pesquisa. Posto isso, é agendada uma reunião entre as coordenadoras do MPA e os pesquisadores responsáveis para discutir a metodologia e as propostas do que será apresentado no evento. Entretanto, percebe-se, a partir desta descrição do planejamento do



3° sebra MUS

programa, que não há um momento para dialogar com as comunidades envolvidas na ação, de modo a discutir em conjunto com elas os procedimentos metodológicos e as propostas de apresentação.

O artigo apresenta a pesquisa realizada durante o edição de 2015 do programa do Museu de Portas Abertas e foi embasada na importância da comunidade compreender a produção científica como um processo de valorização do patrimônio sob o contexto histórico, social e econômico. E portanto compreende-se a missão dos espaços de educação não-formais, como o caso dos museus, voltada para provocar o debate sobre a ciência, abordando temas como conceito de ciência, processo de produção científica e implicações da ciência no cotidiano (JACOBUCCI, 2008). Para tanto, o presente texto busca discutir uma parte da pesquisa referente à popularização da ciência no âmbito do MPA e a relação entre museu e público, a partir do contexto sobre museus de ciência e patrimônio.

Museus de Ciência e Patrimônio

O museu, tradicionalmente, foi visto como espaço destinado à guarda de patrimônios materiais móveis. Canclini (2013) relata que o tratamento do patrimônio enquanto uma categoria fixa estava ligada à concepção da necessidade de um lugar que lhe servisse como depósito para proteção e como vitrine para exibição, tais funções cabiam ao museu. Nele os objetos eram guardados e celebrados a partir de uma perspectiva hegemônica. Percebe-se que esta instituição ainda carrega até hoje esta visão, no qual a cultura se conserva de forma imóvel, marcada por uma museografia voltada para a espetacularização do bem cultural.

Segundo Abreu (2007) entre os séculos XVIII e XIX surgiram os museus de ciência, também denominados de museus enciclopedistas, assumindo a função de centros de pesquisa, cujo intuito era contribuir para o progresso da ciência. Nesse cenário, o museu de ciência se constituiu também como espaço destinado ao público amplo, tornando-se um templo de memória e saber. Essa instituição incumbia-se de ser um lugar de promoção da educação do



3º sebra MUS

público em geral, de modo a despertar o espírito nacionalista e o caráter civilizatório da sociedade.

O surgimento dos museus de ciência estava diretamente relacionado à guarda de bens culturais de diferentes povos, nos quais a função dos pesquisadores era de selecionar, coletar, classificar, estudar, guardar e exhibir. Abreu (2007, p. 141) descreve este tipo de museu como “[...] instituição com pesquisadores que produzem conhecimento, praticam o colecionamento, divulgam o que é produzido e exibem suas coleções para um público amplo”.

Em consequência, o olhar do pesquisador sobre os bens culturais dos diversos povos representados na instituição era o olhar dominante, hegemônico. Os grupos culturais eram tratados como objeto de pesquisa, a partir dos quais extraíam informações com intuito de produzir conhecimento sobre diferentes povos. Santos (2002) afirma que o tratamento do outro como objeto e não como sujeito é uma marca do conhecimento-regulação, pensamento assentado na concepção do colonialismo, que não reconhece o outro como sujeito.

Nota-se nessa abordagem que o museu de ciência, assim como as demais tipologias de museus, favorece o caráter de patrimônio institucionalizado descrito por Fonseca (2009) como “pesado e mudo”, ao passo que ele é tomado apenas como símbolo abstrato e distante da sociedade da qual deveria servir como signo de identidade. De acordo com a autora a forma de proteção do patrimônio, que consiste no restrito acesso do grande público, contribui para que a preservação deste bem seja entendida pela grande parte da população como atividade destinada a pessoas ditas *intelectuais*². Esse fato é consequência da noção de patrimônio cultural construída historicamente no ocidente, desde o século XVIII, a qual está atrelada à ideia de nação, fundamentada na homogeneização dos valores nacionais; como percebe Saladino (2011, p. 97) “a ideia de nação moderna foi seguida da ideia de um conjunto de bens culturais que a representam e que, por isso, deve ser preservado”.

² Grifo nosso.



3º sebra MUS

A criação de museus no século XIX faz parte das mudanças sociais e políticas da época, cujo objetivo estava centrado na consolidação do nacionalismo pela reapropriação e ressemantização dos bens culturais, de modo a fazer emergir um sentimento de pertencimento. A tônica da política do patrimônio está norteadada pela ideia de posse coletiva, cuja preservação tem fins pedagógicos e científicos (SALADINO, 2011). Desde a Revolução Francesa foi destinado ao museu a função de *depósito* dos bens móveis, tendo objetivo de difundir-los ao público, com o intuito de *instruir a nação*, a partir do *espírito enciclopedista* (CHOAY, 2006).

A política de proteção do bem material reduzia-se às atividades realizadas pelos técnicos (FONSECA, 2009). Não era considerado neste processo as interpretações dos sujeitos sociais que vivenciavam o patrimônio cotidianamente. A formulação de política pública de preservação do patrimônio precisa ir além da discussão sobre representatividade do bem cultural em termos de diversidade de expressões culturais, assim como da participação da sociedade na produção e gestão do patrimônio. É imprescindível que esta política considere as diversas formas de apropriação por parte da sociedade do universo simbólico que permeia a linguagem do patrimônio (ibid).

Saladino (2011) atenta para o fato de que mesmo com uma intenção inclusiva, a preservação do patrimônio segue uma lógica hierárquica e excludente, evidenciando a arbitrariedade da prática patrimonial. Isso fica evidente na política do patrimônio do Brasil, cuja atuação tem o objetivo de “reforçar uma identidade coletiva”, atribuindo aos bens culturais valor simbólico nacional (Fonseca, 2009, p. 21). Tal fato implica no engessamento do patrimônio, em vista a forjar uma autenticidade.

O acervo museológico era constituído de forma autoritária, tendo como função representar a “comunidade imaginada” para a “construção da memória social” (SALADINO, 2011, p. 102). Obras de artes; animais empalhados; instrumentos científicos e demais artefatos representavam o poder da sociedade ocidental e, conseqüentemente, garantia o reconhecimento, o pertencimento e a continuidade social.



3º sebra MUS

No século XX emergiu um novo discurso sobre a noção de bem cultural, impulsionado pelo advento da industrialização. O patrimônio, enquanto categoria de pensamento começou a refletir a diversidade sociocultural, possibilitando, como afirma Hartog (2006), a ampliação das tipologias, incluindo a criação de novos bens patrimoniais nas últimas décadas. Nesse contexto, a memória nacional hegemônica está sendo contestada pelos grupos sociais marginalizados, com intuito alcançar o reconhecimento e valorização de memórias plurais, construídas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos silenciados.

O museu enquanto lugar de representação e legitimação da memória nacional forjada pelos grupos hegemônicos também é contestado. Esta instituição começa a descentralizar-se e voltar-se para a sociedade de modo mais abrangente, buscando representar as diversas culturas, do passado e do presente.

Isso implica em uma gestão do bem cultural musealizado que engendre a valorização e a discussão a partir da sua representação e socialização. Nesse sentido, torna-se imprescindível mudar o discurso científico dos museus que por muito tempo foi homogeneizador e ancorado na visão colonialista de compreender o outro como objeto.

Popularização da ciência no contexto museológico

A função do museu não está ancorada somente em salvaguardar o bem material e imaterial, ele deve evidenciar os sentidos e significados desse bem para a sociedade, por meio de ações que propiciem o processo de apropriação, visto que “a própria noção de preservação de coleção está associada à necessidade de manter os acervos disponíveis para renovar os conhecimentos que ele permite produzir” (MENESES, 2002, p. 8).

Segundo Navas (2008) conceito de popularização da ciência, como um fenômeno social e político, transforma-se de acordo com o contexto das relações entre ciência e sociedade, ao passo que cada cultura e cada época têm articulações e necessidades próprias de comunicação científica. Essa popularização é um desafio contínuo, voltada para a prática da cidadania e engendrada a partir do processo de reflexão crítica e transformacional.

Isso implica em compreender a ciência como um processo cultural. Jacobucci (2008), baseada em Vogt, afirma que compreender a ciência enquanto cultura possibilita abarcar todos os termos discutidos sobre a relação entre ciência e sociedade, abrangendo expressões como: alfabetização científica, letramento científico, divulgação científica e popularização da ciência. Esse viés cultural envolve desde a produção científica, passando pela difusão de conhecimento, pela dinâmica educacional e pela divulgação na sociedade, a qual está voltada para o estabelecimento da relação ciência e sociedade, sob uma ótica crítica e criativa, essencial à produção cultural e ao desenvolvimento social.

Para Varine-Bohan (2008) é necessário romper com certas visões contrárias e hegemônicas dos profissionais de museu, cujo pensamento está centrado na coleta e na pesquisa, assim como é fundamental superar a concepção dos agentes sociais de que a instituição museológica é um espaço reservado ao deleite cultural da elite. O principal objetivo do museu deve ser o de explorar o potencial dos bens culturais, estimulando os visitantes a desenvolver reflexões e sentidos, de modo a (re)contextualizar e (re)valorizar o patrimônio. Isto implica em um processo de construção de conhecimento que toma como princípio as rupturas e discontinuidades da ação interpretativa (MENESES, 2002). É desse modo que a interpretação do patrimônio proporciona a mudança no aspecto cognitivo, afetivo e comportamental do cidadão. Para tanto, Meneses (2002) ressalta que o museu não pode se tornar um espaço de respostas, ele é antes um espaço transformacional, permeado de questionamentos e reflexões.

Cabe notar nesta discussão sobre popularização que o visitante é um agente colaborador no processo de preservação do patrimônio. O público como participante ativo no espaço museológico exerce uma prática de cidadania, estabelecida, inclusive, como uma das principais premissas das políticas patrimoniais no âmbito do desenvolvimento social.

O Público do Museu de Portas Abertas

É importante ter em consideração que o visitante não é visto como “uma massa homogênea, com comportamento constante e, tampouco, com características universalizantes.

Constitui-se, sim, em grupos com inúmeras distinções, que manifestam suas diferenças na recepção” (CURY, 2004, p. 91). Ainda segundo Cury (2004), o sujeito que está inserido no processo comunicacional é um agente ativo, cujas relações estabelecidas nesse processo de visitação podem transformar os significados dos objetos museológicos.

O programa do MPA não tem uma avaliação contínua da quantificação do público participante. A quantificação de público é uma discussão que vem crescendo no âmbito do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o qual instituiu a regulamentação nº 3, de 19 de novembro de 2014, sobre a obrigatoriedade dos museus públicos e privados de enviar ao instituto o quantitativo anual de visitação. A contagem de público é importante para indicar de que forma é possível potencializar os serviços oferecidos ao visitante, bem como para o processo de democratização do acesso aos bens e serviços culturais e para analisar a frequência do público visitante.

No processo de pesquisa da monografia foi consultado o livro de registro de visitas escolares do Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoológico (NUVOP), vinculado ao SEC, para ter uma base do número de participantes da edição de 2015 do MPA no PZB, sendo verificados os grupos que visitaram o Museu Goeldi nos dias do evento – 07 e 08 de outubro. De acordo com a contagem desses grupos a ação recebeu cerca de 07 instituições de ensino, perfazendo aproximadamente 660 visitantes na edição correspondente ao Parque. A tabela a seguir demonstra esta contagem de grupos visitantes.

TABELA 1 - PÚBLICOS PARTICIPANTES DO MPA.

LOCAL: Parque Zoológico		
Dia 07/10		
Instituição	Local	Nº de Visitantes
Cesupa	Belém	11
Centro Infantil “O Sorriso da Criança	Belém	12
Centro Educacional Fada Madrinha	Belém	65

EEM de Educação Infantil Honorato Figueiras	Belém	33
Centro de Estudos Atitude	Belém	67
Unidade de Edu. Infantil Catalina I	Belém	72
EE Rosa Mística	Ananindeua	109
TOTAL PARCIAL		369
Dia 08/10		
Unidade Pedagógica João Paulo II	Belém	49
EMEF Clodomir de Lima Begot	Ananindeua	110
Centro Educacional Belo Saber	Ananindeua	33
EMEF Tenente Manoel Cassiano de Limor	Santo Antônio do Tauá	36
Centro Educacional Aquarela da Criança	Santo Antônio do Tauá	63
TOTAL PARCIAL		291
TOTAL		660

Fonte - Livro de registro do Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico (NUVOP), 2015.

Para a edição no Campus de Pesquisa é necessário um agendamento prévio, devido ao fato deste não ser uma base da instituição voltada para visitação pública. De acordo com dados do Núcleo de Visitas Orientadas, foram agendadas 08 instituições de ensino, no entanto destas, apenas 05 efetuaram a visita, totalizando cerca de 170 visitantes.

TABELA 2 - PÚBLICOS PARTICIPANTES DO MPA.

LOCAL: Campus de Pesquisa		
Dia 28/10		
Instituição	Local	Nº de Visitantes
Instituto Federal do Maranhão IFPA/MA	São Luiz/MA	70
UNAMA	Belém	20
Escola Parque Amazônia	Belém	30
TOTAL PARCIAL		120
Dia 29/10		
UNAMA	Belém	20
Escola Parque Amazônia	Belém	30
TOTAL PARCIAL		50
TOTAL		170

Fonte: Agendamento do Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoológico (NUVOP), 2015.

Cabe enfatizar que a expressiva diferença entre o número de visitantes nas duas instalações do Museu Goeldi está relacionada ao fato de a primeira – PZB – ser uma base aberta à visitação pública, enquanto a segunda – Campus de Pesquisa – é destinada à guarda de acervo.

Ademais, ressalta-se que o mês de outubro o Parque Zoológico apresenta o maior índice de visitação de famílias e turistas, pois é comemorado o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e o dia da criança. No entanto, o registro do NUVOP leva em consideração apenas o público escolar e comunidades, não sendo possível ter o registro quantitativo do público em geral que participa das edições realizadas no Parque. Nota-se a importância, a partir da identificação da tipologia de público participante do Museu de Portas Abertas, de analisar as dinâmicas realizadas no processo de mediação do patrimônio.



Durante cada edição do evento o Serviço de Educação e Extensão Cultural aplica questionários para os principais públicos envolvidos nesta ação educativa – pesquisadores/educadores, professores e alunos. A formulação das perguntas são diferentes para cada tipo de público, de modo a identificar as diferentes percepções sobre o programa. Entretanto, não foi identificada durante o tempo desta pesquisa uma análise sistemática desse questionário. Tal fato é evidente na maioria das instituições museológicas brasileiras que embora tenham estabelecido um campo próprio, permeado de práticas e discursos específicos, ainda tem uma necessidade de sistematizar a avaliação dos programas e ações desenvolvidos pelos profissionais de museus (SANTOS, 2004, p. 68). Para Marandino (2008) a avaliação permanente é fundamental para a potencialização dos processos de comunicação e educação, ao passo que estes levantamento e sistematização das informações possibilitam a tomada de decisão, a adequação ao objetivo da instituição e a recepção do público.

Portanto, torna-se fundamental que a equipe responsável pela avaliação do MPA realize análise e registro sistemáticos, embasando-se em uma discussão teórico-metodológica, cujo mote seja o processo comunicacional da construção do conhecimento, no qual a relação entre público e museu seja fundamentada no compartilhamento dialógico.

A análise e o registro do questionário são essenciais para comparação entre as edições deste programa. Desse modo, pode-se identificar as transformações ocorridas ao longo da trajetória da ação, bem como engendrar a articulação da relação entre o museu como uma instituição cultural e o museu como um espaço de aprendizado. Esse processo é essencial para que os profissionais do Museu Goeldi compreendam a importância do programa para o processo de educação para patrimônio e, em consequente, debaterem a ampliação desta ação, tomando como perspectiva a produção científica inserida no contexto cultural.

Percebe-se, ainda em relação ao público do MPA a necessidade de realizar uma avaliação, cujo foco de investigação seja identificar os motivos da falta de escolas que agendaram a visita, mas não a concretizaram. Na edição de 2015 foi registrada a ausência de 3 escolas que marcaram previamente a visita ao Campus de Pesquisa.

Considerando que “aprender sobre ciência é diferente de aprender ciência” (SANTOS, (2005, p. 145), a ação educativa não pode estar voltada para formação de cientistas, posto que ela tem como objetivo contribuir para compreensão do sujeito sobre a realidade. Faz-se necessário deixar de tratar a ciência sob uma ótica do presentismo, na qual a percepção interfere na compreensão do conhecimento científico como um processo complexo ligado ao contexto histórico-social (CHASSOT, 2003).

A interpretação patrimonial no contexto científico é compreendida, nesse prisma, como um processo comunicacional, a partir do qual a experiência do sujeito é engendrada. Portanto, a ação interpretativa está relacionada à produção de significados, envolvendo o visitante na dimensão afetiva. O processo de interpretação do patrimônio no espaço museológico não se encerra ao ato de visitação, visto que ele abarca não somente os objetos do acervo do MPEG, mas também os saberes e fazeres dos sujeitos participantes.

Esse viés educacional deve estar ancorado na compreensão de bem patrimonial em uma perspectiva ampla, que integra o patrimônio à vida cotidiana, por meio da experiência sociocultural dos sujeitos. O processo de educação no âmbito patrimonial está voltado para a sensibilização da comunidade, de modo que ela se reconheça como a principal responsável pela preservação dos bens culturais, a partir da construção do conhecimento e da apropriação destes bens.

O planejamento de atividades educativas no museu deve reconhecer o público como ativo na experiência de interpretação patrimonial. Essas atividades precisam motivar e provocar os sujeitos à construção de conhecimento, a partir da participação e inter-relações de significados.

Nesse prisma, torna-se essencial tomar o processo de construção do conhecimento, em uma perspectiva na qual o sujeito é protagonista da própria produção de sentido ao processo de experiência de aprendizado. Cabe considerar a produção da ciência como uma forma de compartilhamento, tendo como base o conhecimento solidário, cuja estrutura envolve observações empíricas e trocas de saberes e fazeres na vivência cotidiana. Compreendendo que

“todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento. Ele não descobre, cria” (SANTOS, 2002, p. 83), a educação do patrimônio relacionada à ciência precisa resistir à colonização da racionalidade cognitivo-instrumental, tendo, para isso, o desenvolvimento de uma crítica ao conhecimento.

Considerações Finais

O museu não pode estar somente interessado em democratizar o acesso aos bens culturais, mas deve estar, sobretudo, voltado para a democratização da própria produção cultural, que engendra experiências socioculturais e laços coletivos. As ações museológicas devem suscitar a participação ativa da comunidade, possibilitando a expressão dos diferentes grupos sociais e a reflexão crítica. Essas ações, voltadas para a prática da preservação do patrimônio, precisam ser desenvolvidas a partir de um processo de planejamento e compartilhamento de experiências entre o museu e o público. Por isso, é essencial considerar o contexto social, político e econômico da região, de modo a inclinar-se para as discussões sobre as necessidades básicas humanas e o direito de exercício da cultura. No cerne da relação entre patrimônio, conhecimento, ciência e tecnologia é preciso que a sociedade questione o uso político e social do conhecimento científico, bem como o sistema econômico da tecnologia, de modo a garantir maior autonomia social.

Nesse prisma, a instituição museológica é essencial para o desenvolvimento de ações transdisciplinares, cujo mote seja trabalhar a ciência de forma relacional com a sociedade. Nota-se que o processo museológico não pode dissociar exposição e reserva técnica e tampouco programa educativo e pesquisa de campo, uma vez que a produção de conhecimento precisa de uma constante inter-relação e discussão.

Para tanto, essa instituição necessita romper com o discurso e a prática de um centro único de irradiação de cultura, que forja uma narrativa heroica de única guardiã da herança cultural da sociedade. Na realidade, ela deve se constituir enquanto fórum, voltada para problemas atuais dos grupos sociais, tendo caráter social e inclinação para a negociação e



promoção do reconhecimento das diferenças socioculturais. Torna-se essencial que o museu acompanhe os processos dinâmicos e transformacionais da cidade, constituindo-se em um espaço permanentemente em metamorfose, atual e vivo, na medida em que busca se adequar às demandas da sociedade.

O MPA é uma ação democrática que possibilita trocas de conhecimento sobre o patrimônio amazônico e, em consequente, a produção de novos significados, a partir da relação do saber científico com outros saberes. Ressalta-se que há uma necessidade de sistematização e ampliação das ações desenvolvidas para uma potencialização deste programa, a qual não pode limitar-se a um planejamento pré-estabelecido. Ela deve romper os próprios paradigmas e ir além dos muros do Parque Zoobotânico e do Campus de Pesquisa, com finalidade de integrar o Museu à cidade. A pesquisa propõe pensar um Museu de Portas Abertas que interligue os diferentes patrimônios da cidade, perpassando pelas demais instituições museológicas em um movimento intra e extra muro.

Referências

ABREU, Regina. Museus, Patrimônios e Diferenças Culturais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. (Orgs). **Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007. p. 113-125. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/21-museus-colecoes_e_patrimonios-narrativas_polifonicas.pdf>. Acessado em 1 fev. 2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Cintrão, Ana Lessa. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unihuí, 2003. 440 p. (Coleção educação em química).

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CURY, Marília Xavier. Os Usos que o Público Faz do Museu: a (re)significação da cultura material e do museu. **Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, 2004.



FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 298 p.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36: p. 261-273, jul./dez., 2006.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos Espaços Não-Formais de Educação para a Formação da Cultura Científica. **Revista EmExtensão**, Uberlândia, v. 7, p. 55-66, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390/10860>>. Acessado em: 27 mar. 2015.

MARANDINO, Marta. Museu e Escola: Parceiros na Educação Científica do Cidadão. In: CANDAU, V. **Reinventando a Escola**. Petrópolis: [s.n], 2000.

MARANDINO, M. et. al. **Educação em Museus:** a mediação em foco. São Paulo: Pró-Reitoria Cultura e Extensão USP e GEENF/FEUSP, 2008. v. 1. 36 p.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS: Pesquisa e Documentação, 4, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. p. 17-48.

NAVAS, Ana Maria. **Concepções de popularização da ciência e da tecnologia no discurso político:** impactos nos museus de ciência. 2008. 126 p. Dissertação (Pós-graduação em Educação) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2008. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../DissertacaoAnaMariaNavas.pdf>. Acessado em: 1 fev. 2016.

SALADINO, Alejandra. O patrimônio cultural e sua relação com a criação de um projeto de nação e identidade nacional. In: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z. (Orgs). **Museus nacionais e os desafios do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo senso comum:** a ciência, o direito e a política de transição paradigmática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Myrian. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, jun. 2004.

SANTOS, Maria Eduarda Vaz Moniz dos. Cidadania, conhecimento, ciência e educação CTS. Rumo a “novas” dimensões epistemológicas. **Revista CTS**, Buenos Aires, v. 2, n. 6, p. 137-



3°
sebra
MUS

157, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistacts.net/volumen-2-numero-6/50-dossier/117-cidadaniaconhecimento-ciencia-e-educacao-cts-rumo-a-novas-dimensoesepistemologicas>>. Acessado em: 26 mar. 2015.

VARINE-BOHAN, Hugues De. Museus e Desenvolvimento Social: balanço crítico. BRUNO, Maria Cristina Oliveira; Felipini, K (Orgs.). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento** - Propostas e Reflexões Museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008. 210 p.